



Representações do intelectual, de Edward Said

VERA MAQUÊA

Universidade Estadual do Mato Grosso /Universidade de São Paulo

Em 1994 Yasser Arafat ganhou o prêmio Nobel da Paz pelo acordo de Oslo celebrado entre a OLP e Israel em 1993, o que foi comemorado em todo o mundo árabe. Edward Said era, das vozes que contavam, a única dissonante. Foi considerado “opositor da paz” por discordar do que ele chamou “rendição” da Palestina. No exílio, Said militou durante toda sua vida pela causa Palestina; acreditava que árabes e judeus precisavam aprender a conviver e entendia que a solução era a criação de um único território democrático onde essas nações teriam representações e direitos iguais. Confidente de Arafat por muitos anos, Said rompeu com o líder palestino após o acordo de Oslo e passou a ser um dos seus mais fervorosos críticos. A coerência intelectual que defendera em seus livros estava sendo mantida ao custo de uma quase genérica incompreensão pública. Said morreu em 2003, tendo a antipatia de fundamentalistas tanto israelenses quanto palestinos, e a acusação de tribunas inglesas e norte-americanas que era um antiocidental. Alvo de muitas críticas, Said foi um dos últimos intelectuais públicos e deixou uma obra densa sobre questões polêmicas das quais nunca se eximiu: *Cultura e Imperialismo*; *Orientalismo*; *Cultura e Política*; *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*; e *Elaborações musicais*, todos esses títulos publicados no Brasil.

A relação dos intelectuais com o poder parece ter sido sempre pautada por uma ambigüidade: atuando inevitavelmente num campo de poder, seria possível o intelectual manter-se independente e livre para dizer o que pensa? Desde *Orientalismo: a invenção do Oriente pelo Ocidente* que Said se tornou um dos intelectuais mais polêmicos pela maneira como costumava apresentar seu ponto de vista, buscando sempre desmascarar os verdadeiros motivos que se escondiam por trás de discursos bem intencionados, como os do imperialismo norte-ame-

ricano. Viveu muitas das posições que criticou, como o profissionalismo – já que fez uma brilhante carreira numa importante universidade americana, a Columbia, de Nova York, onde ensinou literatura por muitos anos, mas sua obra é resultado de um esforço para não se trair e não trair suas idéias, pois buscou incontestavelmente ser coerente e nunca deixou de “dizer a verdade ao poder”. Em *Fora do Lugar* (2004), seus escritos autobiográficos, Said esclarece muito desse particular acerto de contas que fez com a condição de exilado, que parece ter sido ideal para que se tornasse o intelectual que foi. Ainda criança, ele foi arrancado de sua terra, a Palestina, e desde então viveu nos Estados Unidos, passando alguns anos no Líbano. Aceitou um tipo particular de exílio marcado por certo acento nômade de idas e vindas.

No início de 2005, *As Conferências Reith de 1993*, transmitidas pela BBC de Londres e reunidas sob o título *Representações do Intelectual*, foram publicadas no Brasil, com tradução do escritor Milton Hatoum. As seis Conferências concentram-se sobre a figura do intelectual como porta-voz de verdades que precisam ser ditas na sociedade, contra a dominação e em favor dos que não têm voz.

Em *Representações do intelectual* Said busca os contornos dessa figura desde sempre colocada num lugar desacomodado na sociedade - a figura do intelectual - e algumas linhas desse contorno permanecem em nossas retinas como forte apelo para reflexões sobre o papel dos intelectuais, principalmente dentro das universidades, onde a maioria deles atua. Para Said, o intelectual é um indivíduo que deve ser comprometido com o que diz, por ser “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (p.25), e isso envolve ousadia e vulnerabilidade, compromisso e risco, já que se expõe e é reconhecido publicamente. A função do intelectual seria causar embaraço, “ser do contra e até mesmo desagradável” (p.27) cuja figura pública o condena a ser coerente também na sua vida pessoal, de maneira que ser intelectual é uma responsabilidade pública, mas também, um jeito de viver.

Palavras como “papel” do intelectual, “representação” do intelectual inscreve suas reflexões no campo da dramaturgia social, de normas, leis e representações de papéis que, levados a sério, compõem uma geografia social com rostos e atitudes. É a partir desse teatro que os homens vivem, fazem guerras e desejam a paz e é no campo das representações, diz Said:

que podemos ver e compreender mais prontamente por que os intelectuais são representativos não apenas de um movimento social subterrâneo ou de grande envergadura, mas também de um estilo de vida bastante peculiar, até irritante, e de um desempenho social que lhes é único”. (p.28)

Pois a atividade intelectual para Said está comprometida com a promoção da liberdade e do conhecimento.

Exercer a atividade intelectual com autonomia pode levá-lo à solidão, pois o intelectual “não é nenhum pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis” (p.35), mantendo nações e tradições à distância, pois a solidariedade nacional poderia comprometer sua função e ela nunca deve vir antes da crítica. Para Said, o intelectual teria também a missão de dar aos problemas que interpreta uma dimensão universalizante, tal como fez Fanon sobre a presença da França na Argélia, e ser capaz de “relacionar esses horrores a aflições semelhantes de outros povos” (p.53).

Se se pudesse fazer coincidir a figura do intelectual com alguma imagem ela seria representada pela imagem do exilado, do expatriado, do marginal, de alguém que está desligado afetivamente de qualquer raiz. Mas Said reconhece as dificuldades dessa condição pois o exilado não é alguém que se libertou de suas origens, mas alguém que leva os lugares dentro de si e não está “nem de todo integrado no novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade; por um lado, ele é nostálgico e sentimental, por outro, um imitador competente ou um pária clandestino” (p.57). Como metáfora, no entanto, a imagem do exilado é adequada, já que ele é alguém em desacordo com a sociedade em que vive. “Para o intelectual, o exílio, nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros.” (p.60)

Said situa o problema do profissionalismo e diz que a melhor posição do intelectual é a de amador, a desvinculação de qualquer instituição ou similar que o impeça de dizer o que tem para dizer. O profissionalismo exige a especialização, afiliação a idéias e métodos, e, portanto, inibe e restringe a liberdade do intelectual. Derivam do profissionalismo quatro pressões que põem em risco a existência de intelectuais hoje: a especialização, que faz o intelectual

perder de vista qualquer coisa fora do seu campo imediato e que “também mata os prazeres do arrebatamento e da descoberta, ambos irredutivelmente presentes na índole do intelectual” (p.81); a expertise, que exige que o intelectual esteja alinhado à linguagem correta, “que deve citar as autoridades corretas para ser credenciado por elas” (p.81); a tendência para o poder e autoridade entre seus adeptos e, por último, a submissão às grandes empresas, organizações e agências fomentadoras de pesquisa. Dessa maneira, Said conclui que, representando um conjunto diferente de valores e prerrogativas, o intelectual moderno deveria optar pelo “amadorismo”, “literalmente uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita” (p.86). O desafio que Said inscreve em suas reflexões é se o intelectual vai optar para agradar ou para desafiar seu público.

Entre os papéis do intelectual está o que talvez seja o mais conflituoso; o intelectual é alguém que existe para falar a verdade ao poder, “subverter o poder da autoridade” (p.94). A necessidade de valores universais na vida intelectual é exemplificada por Said com a obra de Tocqueville, para quem as mesmas normas que o orientou nas suas idéias sobre a democracia nos Estados Unidos foram esquecidas quando ele tratou da invasão da Argélia pela França. Não se pode condenar nos outros aquilo que nós fazemos, ou desculpar em nós aquilo que condenamos nos outros: “Se quisermos defender os princípios básicos da justiça humana, devemos fazê-lo para todos, não apenas seletivamente para nosso povo, nossa *cultura* e nossa nação” (p.96). O intelectual é alguém que precisa tomar posição na sociedade, sendo coerente com esses princípios básicos da justiça humana, sem medo de perder privilégios, cargos, honrarias. Por isso, falar a verdade ao poder não é coisa fácil, mas também não é “idealismo panglossiano: é pesar cuidadosamente as alternativas, escolher a certa e então representá-la de maneira inteligente, onde possa fazer o maior bem e causar a mudança correta” (p.104) porque afinal, como desenvolve em sua última Conferência, os deuses sempre falham. Daí a recorrência da figura do intelectual secular – o intelectual que segue valores universais. O intelectual tem uma escolha: “representar a verdade de forma ativa e da melhor maneira possível, ou então se permitir, passivamente, ser dirigido por uma autoridade ou um poder” (p.121) que é falível.

Resta a pergunta se o intelectual pode mesmo ser livre. Se Said pôde militar pela causa da palestina e por outras causas, ser contra o imperialismo num país

como os Estados Unidos, que continuam fazendo guerras em nome da Liberdade e da Democracia, há que se pensar se não haveria uma capacidade cínica dessa nação de assimilar estranhezas para que possa proclamar-se democrática. E essa talvez seja uma cilada na qual Said tenha caído conhecendo a queda. A capacidade de assimilar rasuras e conflitos ampliando o campo de sua legitimidade tem sido uma das marcas do imperialismo norte-americano.

À sua revelia, por essa força que parece estar fora do campo de ação do intelectual, Said viveu muitas das contradições que observou e às vezes condenou em outros intelectuais. Assim, suas observações sobre intelectuais como Kissinger e Brzezinski terem colocado “todos os seus talentos a serviço do país de adoção, com resultados de conhecimento geral, de recompensas materiais e de influência nacional, para não dizer mundial (p.58),” e sobre Leo Spitzer e Erich Auerbach, terem enriquecido “as universidades americanas com seus talentos e sua experiência no Velho Continente” (p.59); podem soar como a sua própria experiência: não teria também Said enriquecido a universidade Columbia onde trabalhou por toda sua vida? De todo modo, Said manteve fidelidade às representações do intelectual público, dizendo a verdade ao poder e defendendo as causas que julgou serem justas.

Com isso, podemos ver que existem coisas que podem escapar ao intelectual. Se em princípio o intelectual deveria estar acima do bem e do mal, ele se torna vulnerável. Não seria Edward Said, ele próprio esse mesmo intelectual que colocou todo seu esforço a serviço da democracia alardeada pelos Estados Unidos, ainda que à sua revelia? Não seria essa uma condição inescapável do intelectual? De servir a poderes que não quis servir? Essas perguntas desconfortáveis, quis Said que fizessem parte das inquietações de toda pessoa que queira um dia vir a constituir uma nota das *Representações do Intelectual*, de cujas palavras já não podemos fugir:

Um intelectual é como um naufrago que, de certo modo, aprende a viver *com* a terra, não *nela*; ou seja, não como Robinson Crusoe, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Pólo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor.

Edward W. Said